

## "CHAPEUZINHO NO PELÔ": EMPODERAMENTO FEMININO, INFÂNCIA A BAIANIDADE

*Eixo Temático ET32 – Sexualidades e gêneros na educação das infâncias*

Manuela Cunha Peixinho<sup>1</sup>

### RESUMO

Produzido pela baiana Palmira Heine, o livro “Chapeuzinho no Pelô” constrói uma releitura da narrativa clássica francesa trazendo a protagonista para os tempos atuais da Bahia. Nesse ínterim, a obra articula, através do lúdico, dois importantes tópicos: empoderamento feminino e identidade regional. Este trabalho analisa o referido livro infantil destacando a construção da protagonista, suas escolhas diante das novas adversidades, bem como pondera o regionalismo lúdico do texto. À luz da teoria de gênero e estudos sobre a literatura infantil, discute-se as representações da personagem feminina considerando o salutar papel da representatividade nos textos para crianças, especialmente por ser esta tanto uma fonte de fruição quanto meio de ensinamentos sociais.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; Identidade feminina, Chapeuzinho no Pelô, Bahia.

### INTRODUÇÃO

Quem nunca leu a história clássica “Chapeuzinho Vermelho” de Charles Perrault? A narrativa de uma menina que usava um capuz ao ir levar doces para a sua avó que estava adoentada. No percurso, encontra um lobo mau que indica para ela o caminho mais longo para o seu destino, enquanto corre pelo outro caminho, engole de uma só vez a idosa e aguarda a chegada da criança. Após perceber que o lobo se vestira com os trajes de sua avó, ele tenta comê-la e a menina e a avó é salva por um caçador que passava por ali. Nesta peripécia, tem-se internalizado alguns (pre)conceitos como a ingenuidade infante, a falta de força e sagacidade da menina em perceber a malícia do lobo tanto no caminho, quando fantasiado de sua avó (já que a garota demora para

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura e Cultura (UFBA), docente do Instituto Federal da Bahia (IFBA), coordenadora do projeto de pesquisa “Literatura infantil baiana: perfis femininos, representação e identidades”, vinculado ao Grupo de Pesquisa Linguagem e Representação do IFBA. manuelapeixinho@yahoo.com.br

reconhecer), bem como tem-se a salvação apenas com o aparecimento da figura masculina. Apesar de ser apenas uma narrativa fictícia infantil, muitos ensinamentos são passados através da escuta/leitura de tais histórias.

Muitas versões do texto clássico surgiram. Uma dessas releituras é “Chapeuzinho no Pelô” (HEINE, 2018), de Palmira Heine. A autora, nascida em 1976 em Salvador, é professora universitária, doutora em Letras, poetisa, além de ter escrito diversas obras literárias e acadêmicas. O livro é ilustrado pelo também baiano Tiago Sansou. Este trabalho se debruçará sobre esse texto, destacando, à luz de teoria de gênero e da literatura infantil, a construção da protagonista diante das adversidades que surgem. Para tanto, aborda-se: (1) a relação entre literatura infantil e empoderamento feminino, (2) a narrativa e a construção da identidade feminina e (3) a narrativa e símbolos regionais.

“Haverá lugar para a literatura infantil (...) nesse mundo da informática que nos invadiu com força total?” (COELHO, 2005, pg. 15). A resposta se torna categórica, especialmente levando em consideração o ambiente escolar. As crianças passam a ter contato com o campo letrado e encontram nesse um espaço propício para o aprendizado, além da fruição. Assim como Coelho, muitos ressaltam o importante papel formativo do livro infantil, tanto pelo convívio leitor/ livro, quanto pelo diálogo leitor/texto. Nessa perspectiva, a escola é um “espaço privilegiado” para trabalhar a formação do indivíduo, valorizando os estudos literários que estimulam a mente, a percepção do real em suas várias significações, além de construir uma consciência identitária, ampliando a leitura de mundo e os conhecimentos linguísticos. Considerar, contudo, que a escola é um espaço de construção do indivíduo não significa reduzi-la à instituição disciplinadora e imobilista. Essa valorização do espaço-escola “deve ser, ao mesmo tempo, *libertário* (sem ser anárquico) e *orientador* (sem ser dogmático) para permitir ao ser em formação chegar ao seu *autoconhecimento* e ter *acesso ao mundo da cultura* que caracteriza a sociedade que ela pertence”. (grifo da autora) (COELHO, 2005, pg. 17).

Com a escolarização/alfabetização, a importância da leitura para a formação da criança enquanto indivíduo se intensifica, tendo em vista que não se tem mais a necessidade de um leitor-mediador. Agora, o próprio infante pode diretamente ter acesso às narrativas. Estas, por sua vez, são construídas levando em consideração seu público-alvo; fato este que reflete na linguagem simples e direta, bem como nos conteúdos (muitas vezes disciplinador).

Atualmente, os espaços sociais (escola, família, comunidade etc.) possibilitam a escuta mais efetiva da criança, não esperando que ela apenas reproduza o que aprende, mas que ela possa produzir suas próprias questões, possibilitando construções diversas do espaço social. Dessa forma, encontrar identificação em personagens astutos, questionadores, obstinados reafirmam e inflamam os leitores-ouvintes a serem cidadãos ativos.

Nas produções infantis, imaginação se funde à realidade, jogos de analogia são criados, a fim de sensibilizar seu leitor, tocá-lo e transformá-lo. Dessa maneira, a literatura é uma representação da realidade, logo, as personagens geram identificação no leitor e, com essa, a criança aprende sobre si e sobre o mundo que a cerca. Por isso, é salutar observar as representações das personagens femininas em obras infantis contemporâneas, observando, em especial, se há uma relocação de seus papéis em relação à visão tradicional que estabelecia características específicas para elas, como passividade, aceitação, desejo de um casamento para ter o final feliz ou a espera de um personagem masculino que a salve das intempéries. Transportar tal visão reducionista é uma forma de ratificar para as meninas que elas podem desejar realizações pessoais para além do matrimônio, almejar atravessar caminhos incertos (sem esperar que alguém a salve), a fim de chegar a um objetivo maior.: ser ela mesma.

A narrativa de “Chapeuzinho no Pelô” (HEINE, 2018) se inicia com a vinda da protagonista, sua mãe e sua avó para a Bahia, a fim de tirar alguns dias de descanso no Brasil após o susto com o lobo. Ao chegar em sua primeira parada em solo brasileiro, na capital baiana, sua mãe sente-se cansada e a avó sente-se doente, assim como a história original, em que a idosa também se encontra adoenta. Entretanto ao invés de levar uma cesta de comida para a enferma, Chapeuzinho resolve conhecer sozinha a cidade visitada. Conhece a Barra, bairro no qual se instala em um hotel, pega um transporte público e vai para um dos pontos turísticos da cidade: o Pelourinho. O irmão do Lobo Mau, Dom Lobão, segue Chapeuzinho nessa viagem, objetivando comê-la. Assim como na narrativa clássica, a necessidade de se alimentar move os passos do antagonista. Entretanto, um capoeirista, chamado Zeca Poeira, observa a malícia do lobo seguindo a menina, assim como o caçador observa os barulhos estranhos vindo da casa da vovó.

Quebrando as expectativas do leitor, a Chapeuzinho não demonstra desespero ao ver o lobo, nem tampouco considera que precisa da ajuda de terceiros ao entender o motivo da perseguição: o lobo está com fome. Logo, a menina leva o vilão para um

restaurante do tipo que pode comer à vontade, dirimindo assim o motivo dele persegui-la intercontinentalmente.

Para que a narrativa chegasse nesse ponto, o capoeirista, construído como um quase herói, já que é quem percebe a maldade do lobo, o segue, a fim de proteger a garota e tenta parar o vilão ao dar-lhe um acarajé com bastante pimenta. Para infortúnio do capoeirista, não foi o suficiente. Ele ainda luta com o lobo, como na passagem: “Todos se dispersaram com medo e o lobo, vendo que tinha sido descoberto, tentou correr, mas Zeca Poeira o seguiu e conseguiu pegá-lo com alguns golpes de capoeira, com ajuda de Chapeuzinho” (HEINE, 2018, p. 22). Tal cena foi interrompida pela protagonista, “que não era boba nem nada e que tinha aprendido a não aceitar desaforos” (HEINE, 2018, p. 22), que toma as rédeas de sua história e busca saber a razão da perseguição. Interessante perceber que as personagens masculinas, caçador no conto clássico e capoeirista na releitura de Palmira Heine, encontram na violência uma forma de punir o lobo e salvar a Chapeuzinho, enquanto a garota procurou solucionar tal impasse refletindo as origens.

A relação do homem e violência é estreita e socialmente construída. Connel (2007) problematiza o uso da violência historicamente associado à masculinidade. A violência pode ser um instrumento de uso comum para a afirmação da masculinidade, forma de demonstrar-se superior, dominador. Nem sempre essa violência se manifesta visivelmente ou através de agressões físicas, mas há uma pretensa dominação masculina (BOURDIEU, 2010) instaurada nas bases da sociedade através da divisão dos papéis sociais por gênero naturalizadas em atos cotidianos.

É interessante notar também que, nesta história, mesmo sem a companhia da avó, Chapeuzinho visita independentemente uma nova cidade, tira fotos, conhece a cultura, experimenta a culinária, demonstrando autoconfiança e autonomia. Quando a menina leitora percebe que até mesmo a Chapeuzinho, garota narrada como ingênua e frágil no livro clássico, se torna independente e sagaz, como na narrativa baiana, ela entende que seu lugar no mundo é amplo e que mesmo que os infortúnios cheguem, não será preciso uma figura masculina para a salvar. Com astúcia e reflexão, é possível construir caminhos seguros e assertivos para si.

Goulart chama a atenção de como a literatura, em especial a infantil, é um espaço profícuo para ratificar a pluralidade do ser humano:

Podemos pensar sobre o letramento literário no sentido que a literatura nos letra e nos liberta, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras, porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros. O outro nos diz a respeito de nós mesmos – é na relação com o outro que temos oportunidade de saber de nós mesmos de uma forma diversa daquela que nos é apresentada apenas pelo viés do nosso olhar. (GOULART, 2007, p.64-65).

Por isso, torna-se imperativo observar a construção e representação das personagens femininas nas obras contemporâneas de literatura infantil, afinal estas contribuem para a formação leitora e pessoal de seu público, seja ele menino ou menina, ratificando estereótipos ou transgredindo-o. Com isso, a geração futura pode transformar a realidade que vive.

Há, na obra em análise, diversos símbolos da Bahia, dando destaque para três deles: as pessoas, os lugares e a culinária. A baiana do acarajé e o grupo de capoeirista ganham ênfase no quesito pessoas. Assim como qualquer estado brasileiro, na Bahia, há indivíduos de diversas etnias, profissões etc. Contudo, ao chegar no Pelourinho, a autora Palmira Heine destaca o entusiasmo de Chapeuzinho em acompanhar um grupo de capoeirista lutando ao som de “Paranauê paranauê, Paraná”, além de um destes capoeirista tentar salvar a protagonista no decorrer da história. Sua imagem é construída como um herói que visa proteger a aparentemente ingênua protagonista. A baiana do acarajé também surge quando o capoeirista compra um acarajé apimentado para o lobo e também quando Chapeuzinho prova uma dessas iguarias.

O alimento recebe o valor de elemento cultural central junto aos lugares. São citados acarajé, vatapá, caruru, moqueca de peixe, moqueca de camarão, sarapatel, xinxim de galinha, ambrosia, cocada puxa, doce de banana, bolinho de estudante. É com a comida que a protagonista consegue resolver seu impasse com o lobo, é com ela também que, no final da obra, Chapeuzinho presenteia sua avó ao fazer uma cesta com quitutes baianos. Vale destacar que, na narrativa original, é a cesta de alimentos que a menina leva que quebra a inércia da narrativa tornando-a dinâmica. De fato, a culinária baiana é muito específica, especialmente por suas raízes advindas da África, trazidas pelos escravos. Salvador foi a primeira capital do Brasil. Na conhecida Bahia, está a Ilha de Vera Cruz, primeiro pedaço de terra apontado pela Carta de Caminha como pisado pelo português. Após este descobrimento, Portugal percebe, nesta nova terra,



possibilidades de exploração, por isso, precisa de mão de obra. Primeiro tenta encontrar portugueses desafortunados que quisessem colaborar com a coroa portuguesa na exploração. Foi insuficiente. Depois, trouxeram escravos de diversos espaços da África para explorar a terra. Com a mudança dos ciclos de exploração, da cana para o ouro, que a capital do Brasil deixou de ser Salvador e passa a ser o Rio de Janeiro em 1763. Todavia, é inegável a importância da cultura africana ainda hoje na matriz religiosa, étnica e da culinária da Bahia.

Vale ressaltar que, no início da narrativa, afirma-se que Chapeuzinho e sua mãe sabiam um pouco de português, pois aprendera com os personagens de Monteiro Lobato criando um fictício diálogo intertemporal e intercontinental literário infantil. No que se refere aos pontos turísticos, na obra de Palmira Heine, foram citados: “igrejas, museus casarões lendários que se dividiam entre as casinhas coloridas e ladeiras que subiam e desciam. Ela viu a Casa de Jorge Amado [...]” (HEINE, 2018, p. 10). Nas ilustrações da página seguinte, há um desenho da escultura de Castro Alves, remetendo à praça Castro Alves, o farol da Barra, o Mercado Modelo acompanhado da imagem da protagonista com uma câmera fotográfica posicionada em seu rosto. No final, o lobo vai para Itapoã, onde dorme na praia e recebe as melhores comida região doadas por donos de restaurante.

Diante do exposto, pode-se observar que a literatura infantil tem um papel primordial e especial de (trans)formar seus leitores. De passear sozinha ingenuamente para levar alimento para sua avó doente para passear sozinha pela cidade de Salvador, proteger-se do lobo ainda que sua avó esteja doente, altera a noção de que cabe ao feminino apenas o cuidado, a alimentação e os limites do ambiente doméstico. Ademais, ratifica que nem sempre a violência resolve as questões que nos atravancam. Compreender a origem destas pode ser mais resolutivo do que o simples cessar através do medo e da agressão. Ter autoconfiança, nessa narrativa, também se torna um tema, já que a menina saiu sozinha por uma cidade desconhecida, aproveitou os conhecimentos advindo da vivência cultural e mesmo assim conseguiu se autodefender dos perigos.

Considerando que tanto a literatura bebe do real quanto o real se molda a partir dos textos literários, sabe-se que ter narrativas infantis que reloquem o lugar da menina dos altos dos castelos no aguardo da salvação masculina para ser ela a sua própria salvadora das intempéries da vida é fundamental para o empoderamento das leitoras

mirins, além de colaborar na compreensão dos meninos do papel plural de ambos os gêneros.

## REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

CONNELL, R. **Understanding men**: Gender sociology and the new international research on masculinities. Disponível em: [www.europrofem.org/contri/2\\_04\\_en/research-onmasculinities.pdf](http://www.europrofem.org/contri/2_04_en/research-onmasculinities.pdf). Acesso em set 2007.

GOULART, Cecília. Alfabetização e Letramento: Os processos e o lugar da Literatura. In. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura Saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale, Autentica, 2007.

HEINE, Palmira. **Chapeuzinho no Pelô**. Porto Alegre: Exclamação; Evangraf, 2018.